



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS

GERAIS – CAMPUS OURO PRETO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

BERNADETE MARIA RIBEIRO DA SILVA

**A FÉ, A LEI E O REI DO POVO YANOMAMI DE DAVI KOPENAWA:
um contraponto da literatura brasileira**

Ouro Preto - MG
2024

BERNADETE MARIA RIBEIRO DA SILVA

**A FÉ, A LEI E O REI DO POVO YANOMAMI DE DAVI KOPENAWA:
um contraponto da literatura brasileira**

**Trabalho apresentado ao curso de
especialização em Ensino de Língua
Portuguesa na Educação Básica , do Instituto
Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto,
para conclusão de curso.**

Orientador Prof. Dr. Cássio Oliveira Lignani

Ouro Preto - MG
2024

S586f

Silva, Bernadete Maria Ribeiro da.

A fé, a lei e o rei do povo Yanomami de Davi Kopenawa [manuscrito]
: um contraponto da literatura brasileira / Bernadete Maria Ribeiro da
Silva. – 2024.

53 f. : il.

Orientador: Cássio de Oliveira Lignani.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Instituto Federal
de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Literatura. 2. Quinhentismo. 3. Índios Yanomami. I. Lignani,
Cássio de Oliveira. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro
Preto. III. Título.

CDU: 821.134.3(81)

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS

Campus Ouro Preto
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Seção de Pós-Graduação

Av. Professor Mário Werneck, 2590 - Bairro Buritis - CEP 30575-180 - Belo Horizonte - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

BERNADETE MARIA RIBEIRO DA SILVA

A FÉ, A LEI E O REI DO POVO YANOMAMI:

um contraponto da literatura quinhentista

Trabalho de
Conclusão de Curso
(em formato de
artigo) apresentado
ao curso de
ESPECIALIZAÇÃO
EM ENSINO DE
LÍNGUA
PORTUGUESA NA
EDUCAÇÃO
BÁSICA, ofertado
pelo Instituto
Federal de
Educação, Ciência e
Tecnologia de
Minas Gerais
- *Campus* Ouro
Preto, como parte
dos requisitos para a
obtenção do título
de ESPECIALISTA
em EM ENSINO
DE LÍNGUA
PORTUGUESA NA
EDUCAÇÃO
BÁSICA.

Aprovado(a) em 24 de abril de 2024, pela Banca Examinadora:

Prof. Dr(a). Cássio Oliveira Lignani – IFMG Campus Ouro Preto (Orientador[a])

Prof. Dr(a). Érica Alessandra Fernandes Aniceto - IFMG Campus Ouro Preto

Prof. Dr(a). Rafaela Kelsen Dias- IFMG - Campus Ouro Preto

Belo Horizonte, 11 de julho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Erica Alessandra Fernandes Aniceto, Professora**, em 22/07/2024, às 11:10, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Cassio Oliveira Lignani, Professor**, em 22/07/2024, às 15:43, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Rafaela Kelsen Dias, Professora**, em 22/07/2024, às 17:36, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **1969766** e o código CRC **039D5B51**.

23213.001228/2024-01

1969766v1

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da literatura para o entendimento de fatos ocorridos através dos tempos, quando observados sob versões de diferentes protagonistas da história. O livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa, relatado ao antropólogo francês Bruce Albert e escrito por esse, revela o entendimento de mundo de um povo e a defesa de sua cultura, apresentando um universo complexo que, ao ser comparado com os textos da literatura quinhentista de religiosos e viajantes, mostra como os povos indígenas sobrevivem à colonização, lutando para preservar sua floresta, crenças e ritos que os conquistadores do século XVI desconsideraram. Por fim, a literatura indígena que ora se apresenta, nos faz pensar no respeito devido aos diferentes tipos de conhecimentos que devem permitir a todos os grupos sociais representar o mundo também como seu e ocupá-lo de acordo com suas aspirações.

Palavras-chave: Literatura. Quinhentismo. Povos originários brasileiros.

ABSTRACT

The goal of this work is to show the importance of literature to understand facts that have occurred overtime, when observed under the versions of different protagonists of History. The book *The fall of the sky: words of a yanomami shaman*, by Davi Kopenawa, reported to the french anthropologist Bruce Albert and written by him, reveals a people's understanding of the world and the defense of their culture, presenting a complex universe that, When compared with the texts of 16th century literature story of religious people and travelers, shows how indigenous people survive colonization, fighting to preserve their forest, beliefs and rites that the conquerors of the 16th century disregarded. Finally, the indigenous literature presented here makes us think about the due respect to differ types of knowledge, allowing all social groups to represented the world as theirs and occupy it according to their aspirations.

Keywords: Literature. 16th century. Original brazilian people.

À minha mãe, Iracema Lisette, que me contava histórias e me fazia sonhar.

Aos professores do IFMG – Campus Ouro Preto, que permitiram esta realização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O POVO YANOMAMI.....	13
3 SOBRE A FÉ DOS YANOMAMI.....	15
4 OS COLONIZADORES (colonialismo).....	19
5 AS LEIS E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS YANOMAMI.....	20
5.1 Casa dos espíritos.....	23
5.2 A queda do céu – falar aos brancos.....	27
5.3 Casas de pedra.....	28
5.4 Paixão pela mercadoria.....	28
5.5 Na cidade.....	28
6 O REI	30
7 A PALAVRA.....	31
7.1 O espírito da floresta.....	32
7.2 A morte dos Xamãs.....	33
7.3 Palavras de Omama.....	34
8 PARA DESCOLONIZAR O CURRÍCULO	35
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
10 REFERÊNCIAS.....	41
11 ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A literatura nos mostra como viveram e o que pensaram as pessoas de diferentes tempos e lugares. Essas informações que nos vêm através dos textos, atravessaram eras e nos ajudam a compreender o que nos formou para sermos o que somos hoje. Considerando a história dos Yanomami atuais, contada por Davi Kopenawa ao antropólogo francês Bruce Albert, pois essa literatura ainda é oral e foi transformada no livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), pode-se deslocá-la na História, porque poderia ser uma história de qualquer tempo, uma vez que apresenta uma tradição que evoca a pré-história americana, tornando-se possível, e relevante, fazer um paralelo com os textos de informação quinhentistas, deduzindo o que foi a chegada dos portugueses ao Brasil e o que pensaram os povos originários sobre eles.

A queda do céu é um livro sobre o Brasil e a trajetória existencial de Davi Kopenawa, cujo prefaciador, Eduardo Castro, nos apresenta:

[...] em que o pensador e ativista político Davi Kopenawa discorre sobre a cultura ancestral e a história recente de seu povo (situado tanto em terras venezuelanas quanto brasileiras), explica a origem mítica e dinâmica invisível do mundo, além de descrever as características monstruosas da civilização ocidental como um todo e de prever um futuro funesto para o planeta -, mas, de um modo muito especial, é um livro sobre nós, dirigido a nós, os brasileiros que não se consideram índios. (CASTRO in Kopenawa, 2015, p. 12)

Os textos a seguir podem trazer à luz o que aconteceu em 1500 no Brasil, quando do encontro de duas culturas, uma que poderia ser o que Álvaro de Azevedo Gonzaga denomina em seu livro *Decolonialismo Indígena*, como um comunismo primitivo:

“Convém refletir que alguns indivíduos de determinadas composições sociais, como as das Planícies e Terras Baixas Amazônicas (também chamadas Baixos Platôs e Planícies da Amazônia) estavam inseridas economicamente no que Karl Marx e Engels (2010) atribuíram como comunismo primitivo, ou seja, havia o compartilhamento de todos os recursos naturais encontrados, assim como de todas as riquezas obtidas deles”. (GONZAGA, 2022, p.27)

Enquanto outra, é a citação de um livro de história do Brasil, período Pré-Colonial (1500-30) que diz: “... é importante notar que, naquela época, a acumulação de capitais se fazia principalmente através da circulação de mercadorias (capitalismo ou acumulação

primitiva de capitais)” (OBJETIVO, 2003, p. 342) ou seja, dois modos de vida opostos, onde o objetivo de um é o trabalho e acumulação de bens; e o do outro, é o compartilhamento do mínimo tirado da natureza e a celebração da vida.

São usados para esclarecer os fatos, de um lado O livro de Davi Kopenawa, *A queda do céu* (2015), que é uma narrativa originária, e do outro lado, a literatura quinhentista dos viajantes dos jesuítas e a epopeia portuguesa *Os Lusíadas* de Camões, que foi escrita, provavelmente, entre 1556 e 1571 e que representa a época.

A jornada de Davi Kopenawa, desde sua infância, ao sair da floresta, sua convivência com os brancos, aprender sua língua e sair pelo mundo para defender seu povo, pode ser uma epopeia brasileira do século XXI.

Analisando os escritos de informação dos viajantes sobre as terras recém-descobertas, temos *A carta de Caminha* – considerada nossa “certidão de nascimento e batismo” –, descrevendo a terra ao rei de Portugal:

De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito fremosa [...] Nela até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata... porém a terra em si é de muitos bons ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Minho. Águas são muitas e infinitas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem, porém o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e essa deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar. (CAMINHA, Objetivo, 2003, p. 47)

Com relação ao indígena, Caminha mostra alguma simpatia despertada pela sensação de exotismo que atravessa o mundo eurocêntrico. “Andam nus sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa de cobrir nem mostrar suas vergonhas e estão acerca disso com tanto inocência como têm de mostrar o rosto”. (CAMINHA, *ibidem*)

Em *Os lusíadas* de Camões, revela-se o pensamento do homem renascentista, período marcado pela super valorização do homem, pelo antropocentrismo, pelo hedonismo, em oposição ao teocentrismo, misticismo e ascetismo medievais, O interesse pelo homem e pelo que ele pode realizar de alto, profundo e glorioso (Humanismo) inspira o conceito de homem integral, senhor do mundo, sequioso para conhecê-lo totalmente. É quando Camões escreve:

As armas e os barões assinalados,/ Que da ocidental praia lusitana,/ Por mares nunca dantes navegados,/ Passaram ainda além da Taprobana,/ E em perigos e guerras esforçados/ Mais do que prometia a força humana,/ E entre gente remota edificaram/ Novo reino que tanto sublimaram. (CAMÕES, 2003, p.13)

Quando chegaram a nova terra, os portugueses encontraram o paraíso; mas, ao invés de tentar entendê-lo e/ou se incorporarem a ele, o objetivo foi transformá-lo no que já conheciam: a religião católica com seus conceitos ainda medievais, as leis imperialistas europeias, seus reis e rainhas donos do mundo. E assim, no *Tratado da Terra do Brasil* (1573), de Pêro de Magalhães Gândavo, tem-se a “informação das cousas que há nestas partes”, onde Gândavo escreve, no capítulo sétimo, em *Da condição e costumes dos índios da terra*:

A língua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras – scilicet, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (GÂNDAVO, 1573)

Sobre os jesuítas, como padre Manuel da Nóbrega em seu *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* (1556-1557), texto decisivo da relação entre jesuítas e índios, que estabelece o método para a conversão e se essa seria possível, pode ser dividido em três partes: como fazer para esquentar a missão, a natureza do índio e se ele tem alma ou não; qual o método mais eficaz de conversão: amor ou sujeição e o estabelecimento da humanidade do homem, condicionada ao entendimento, à vontade e à memória.

No subtítulo “*Et homines, sicut nos*” do *Diálogo sobre a conversão do gentio* (Editora Metalibre, 2006), Nogueira, ao discutir com Gonçalo Alvarez, diz que os “índios” têm muita disposição para virem a ser cristãos, têm muito bom entendimento; mas, ainda que apenas isso não seja suficiente para entender as coisas da Fé, ajudam a entender que nada há contra ela, sendo de Fé que carecem, o que acontece com os homens desde o tempo dos apóstolos. Então, chega à conclusão que são homens como nós.

As pessoas encontradas pelos colonizadores, os que habitavam a terra, como relata Kopenawa, não sabiam que os forasteiros iriam subir em seus rios, entrar na sua floresta, “comer sua terra” e por que razão queriam se aproximar deles e dar-lhes novos nomes, nova religião e novas leis, sendo que eles já tinham as deles.

Por todos esses motivos, pode-se então propor um paralelo entre a literatura atual indígena e sua visão de mundo com os textos portugueses do século XVI, questionar concepções e ampliar conceitos, demonstrando através do livro *A queda do céu*, que os indígenas brasileiros têm uma história, sua fé, suas leis e sua hierarquia social.

Em seu livro *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul* (2019), Boaventura de Sousa Santos, fazendo referência ao que ele chama de epistemologias do Norte, que ele denomina imperialismo e às epistemologias do Sul como colonialismo,

afirma que “os instrumentos principais das epistemologias do Sul são os seguintes: a linha abissal e os vários tipos de exclusão social que ela cria; a sociologia das ausências e a sociologia das emergências; a ecologia de saberes e a tradução intercultural; a artesanaria das práticas”. (SANTOS, 2019, p. 41)

Sobre as exclusões abissais e não abissais, o autor diz que a linha abissal que separa o hemisfério Norte do hemisfério Sul, nunca foi reconhecida por teóricos, especialmente os modernos (SANTOS, 2010, p. 31-83; 2014, p. 118-134). Apesar de reconhecer a existência do colonialismo, a ciência moderna não considerou a ocupação territorial como forma de agressão ao outro, o diferente, não levando em conta que ali havia uma sociedade com costumes próprios e cheia de sonhos. Mesmo acreditando nos mecanismos e nos mesmos princípios para todos, baseados em um projeto comum de direitos humanos universais herdados do humanismo renascentista, os colonizadores desrespeitaram profundamente os direitos de outros povos, ou seja, no caso brasileiro, os povos originários aqui encontrados no século XVI. Ele ainda fala também na diferença epistemológica como diferença ontológica, ou seja, a diferença de seres humanos e seus conhecimentos dentro da sua humanidade. Os conhecimentos podem ser diferentes porque os seres são diferentes.

Santos cita Frantz Fanon sobre a denúncia da linha abissal entre a metropolitandade e a colonialidade (SANTOS, 2019, p.42), em que Fanon discorre sobre os tipos de exclusões que essa linha cria, como a zona do não-ser, que, no caso aqui, poderiam ser os conhecimentos como a fé, as leis e a organização social dos seres colonizados. Essas não são questões a serem discutidas, mas apagadas e excluídas no entendimento dos colonizadores. No dizer de Gândavo, no capítulo sétimo – “Da condição e Costumes dos índios da Terra” -

“os índios são bárbaro gentio que vive por toda a terra do Brasil, onde ninguém pode caminhar seguro por seus sertões sem ser ameaçado por índios armados contra nações “humanas”; e, a sorte dos portugueses é que eles (os índios) também lutam uns contra os outros, pois seria impossível vencê-los devido a sua grande quantidade, se eles fossem unidos (Ed. Itatiaia, 1980).

Vê-se aqui que os povos originários já enfrentavam suas próprias questões territoriais, comportamentais, existenciais, completamente ignoradas pelo invasor, denominada por Santos de linha abissal. De acordo com o novo contexto , de denúncia da linha abissal e dos tipos de exclusões que ela cria, Santos (2019, p.42) diz que,

inspirando-se em Fanon, Maldonado Torres (2007, p. 242) discorre sobre o poder da colonialidade:

A invisibilidade e a desumanização são as expressões primárias da colonialidade do ser [...] A colonialidade do ser torna-se concreta sob a forma de sujeitos liminares, que marcam, por assim dizer, o limite do ser, ou seja, aquele ponto no qual o ser destrói o sentido e a prova até o ponto da desumanização. A colonialidade do ser produz a diferença colonial ontológica, apresentando uma série de características existenciais fundamentais e de realidade simbólicas. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 257)

Os portugueses colonizadores, não reconhecendo a humanidade dos povos encontrados, destituíram-nos de seus direitos mais básicos; ou seja, não existem como nós humanos, então podemos fazer deles objetos de observação, redução e sujeitos à nossa vontade. Há uma divisão entre dois mundos, o da metrópole e o da colônia e a regulação social, onde não há reação possível da parte dos povos colonizados. Está estabelecida, assim, a linha abissal.

Ao trazer a história dos Yanomami em *A queda do céu* (2015) para o conhecimento das pessoas como deseja Davi Kopenawa em suas “Palavras dadas”, de como contou sua história (deu suas palavras) para que os brancos soubessem dela, para que fossem escritas em “peles de imagens e mostrassem para os brancos o que pensam os habitantes da floresta”, pode-se entrar, então, nas exclusões não-abissais citadas por Santos (2019, p. 41). A partir do momento em que Davi Kopenawa diz que “assim, eu lhe dei meu histórico, para você responder aos que perguntam o que pensam os habitantes da floresta” (2015, p. 63) passa-se, então, segundo Santos (2019), de regulação social a visibilidade social, que é o princípio das inclusões sociais, e cria-se uma forma mais justa de entendimento do mundo.

Falando sobre a sociologia das ausências e a sociologia das emergências, esses dois instrumentos baseiam-se na distinção entre as exclusões abissais e as não-abissais. A sociologia das ausências é um mapa da linha-abissal, ou seja, a que não considera a existência do outro; mas, mesmo assim, considera sua irrelevância perante o colonizador, podendo ser os colonizados descartáveis ou ameaçadores aos primeiros e, sendo os povos originários brasileiros ameaçadores aos colonizadores portugueses, se não fossem domesticados, deveriam ser descartados, como no dizer de Gândavo:

Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitanias, tudo enfim estava cheio deles quando começaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se levantaram contra eles e faziam-lhes muitas treições,

os governadores e capitães da terra destruirão-nos pouco a pouco e matarão muitos deles, outros fugirão para o Sertão, e assim ficou a costa despovoada de gentio ao longo das Capitânicas. Junto delas ficarão alguns índios destes nas aldeias que são de paz, e amigos dos portugueses. (GÂNDALO, 1573)

As emergências são realidades embrionárias incipientes, mas em uma luta de esperanças e certezas para esses povos originários, do reconhecimento de si mesmos, valorização e respeito a outros entendimentos de vida, com modos e práticas condizentes a esses conhecimentos do universo. Para que isso aconteça, os textos indígenas que começam a ser expostos através de sua literatura escrita, podem ser uma mudança de paradigma na direção de aceitar os conhecimentos originários do Sul, que foram guardados na memória, sendo passados de geração em geração, até que hoje estão sendo escritos e valorizados como histórias indígenas, a vida dos povos originários.

Santos (2015) aponta três tipos de emergências: as ruínas-sementes, que são simultaneamente memória e alternativa de futuro, resquícios do pensamento abissal e do pensamento pós-abissal, sinal de que a destruição não foi total e há esperança de um futuro alternativo; as apropriações contra-hegemônicas, de como os grupos sociais dominados se apropriam e ressignificam conceitos filosóficos e práticas dos grupos sociais dominantes, mostrando suas práticas, pensamentos e modos de viver que são outros e devem ser respeitados (poderiam ser citados aqui os movimentos antropofágicos do Modernismo e o Tropicalismo que se apropriaram e ressignificaram conceitos de outras culturas); e as zonas libertadas são os espaços que se mostram e se organizam com a participação de todos os seus membros, mostrando que pode haver outro tipo de sociedade.

Na ecologia dos saberes e na tradução intercultural, identificam-se os conhecimentos dos colonizados a fim de que suas reivindicações de seu espaço e inserção na sociedade sejam atendidas. A tradução intercultural e interpólitica refere-se a tornar inteligível para ambos os lados o que está sendo proposto sem que se perca nenhuma identidade, apesar das contradições culturais. Isso permitiria a transformação da diversidade epistemológica e cultural do mundo, revertendo-se em entendimento e compreensão, a partir do conhecimento do outro e promoção de consensos. Como diz Santos:

Depois de tantos séculos de intercâmbios e movimentos transnacionais de ideias, exponencialmente acelerados nas últimas décadas com a revolução das tecnologias de informação e de comunicação, não existem entidades cognitivas ou culturais puras que se possam compreender sem levar em conta influências, miscigenações, hibridizações". (SANTOS, 2015, p. 61)

A artesanaria das práticas é reconhecer e dialogar com outros saberes que oferecem entendimento da vida social e da transformação social alternativos ao que é colonizador, do conhecimento válido de uma sociedade diferente da sociedade capitalista, colonialista e patriarcal. A artesanaria das práticas consiste no desenho e na validação das práticas de luta e resistência de acordo com as epistemologias do Sul. Neste texto, os conhecimentos dos Yanomami, sua Literatura, sua Fé, suas Leis e sua organização social, um trabalho baseado nas palavras Davi Kopenawa, que sabe por que e o que fala para ser escrito e quer que o outro saiba sobre si. Kopenawa conta a história dos Yanomami para ser ouvida por todos, respeitada e aceita como diferente e bela e busca pela visibilidade dos conhecimentos dos povos indígenas, para que sejam entendidos como relevantes contributos de renovação e diversificação de narrativas de um outro mundo possível, não só de relações humanas, mas também dos seres humanos com a natureza.

Como dois artesanatos não são iguais porque são únicos, também os vários povos indígenas existentes no Brasil têm suas especificidades, como sua língua, seus costumes, suas pinturas corporais e seus enfeites de penas de pássaros, que fazem parte da sua identidade, mais a comunhão com a natureza, o respeito a todos os seres que os rodeiam, a flora, a fauna, o mundo mineral e as águas, tudo faz parte do seu cosmos.

Do ponto de vista dos Yanomami, os brancos são apenas *napë*, brancos/inimigos, povo bárbaro e exótico proveniente de além-mar, incapazes de compreender a floresta, que é viva, e sua multidão de seres que compõem a máquina do mundo; um superorganismo que se renova naturalmente com a ajuda de seus espíritos, organismo do qual todos fazem parte e pelo qual todos são responsáveis.

A literatura, como todas as outras manifestações artísticas, acompanha a trajetória humana e, oral ou escrita, constrói mundos em que pessoas comuns ou especiais de diferentes lugares vivem problemas e tentam resolvê-los, criam mundos fantásticos, cada qual com seus seres imaginários, cuja existência é garantida pelo lugar de fala, oferecendo possibilidades de resposta a indagações complexas ou comuns dos seres humanos.

Os Yanomami contam suas histórias, falam sobre si e sobre os outros, tentando entender e explicar o mundo ao seu redor e os povos que chegam até eles.

2 O POVO YANOMAMI

“Yanomami” é uma simplificação do etnônimo *Yanōmami tēpē* (que significa “humanos”), utilizado como autodesignação pelos membros do ramo ocidental desse grupo ameríndio. O termo foi inicialmente adotado na Venezuela para nomear o conjunto da etnia. Foi então retomado no Brasil, no final da década de 1970, por antropólogos, ONGS e em seguida pela administração indigenista. Anteriormente, os Yanomami eram conhecidos no Brasil sob nomes diversos, como Waika (Guaica), Xiriana (Xiriana, Shiriana), Xirixana (Shirishana), Yanomami e Sanumá, e por denominações genéricas como Yanomama e Yanoama.

Atualmente, o termo “Yanomami” remete também a uma família linguística amazônica isolada, composta de pelo menos quatro línguas cuja inteligibilidade mútua é bastante variável, cada uma delas subdividida em vários dialetos. A primeira descrição desse conjunto (“família Yanomama”) foi apresentada há mais de quarenta anos pelo linguista e ex-missionário americano Ernesto Migliazza. No Brasil, essas línguas estão repartidas do seguinte modo: Yanomam: nos rios Parima, Uraricoera, alto Mucajaí, alto Catrimani e Toototobi (estado de Roraima); Yanomami: nos rios Demini, Aracá, Pauri e Cauaboris (estado do Amazonas); e Ninam (ou Yanam): no médio Mucajaí e no rio Uraricaá (estado de Roraima).

Em estudo mais recente, Heri Ramirez propôs modificar o estatuto dessas quatro línguas (“família Yanomami”) como segue;

1. Yanomam e Yanomami são considerados dois “superdialetos”, respectivamente oriental e ocidental, de uma mesma língua (“divisão Y”);
2. Ninam (Yanam) continua sendo classificado como língua à parte (“divisão N”);
3. Sanima continua também sendo classificado como língua à parte (“divisão S”);
4. Postula-se a possível existência de uma quarta língua na região dos rios Ajarani e Apiaú e do curso inferior dos rios Mucajaí e Catrimani (“divisão A”).

A língua falada por Davi Kopenawa é a do grupo de seus sogros de Watoriki, a despeito de algumas diferenças entre elas, pertencem ambas ao mesmo dialeto Yanomami oriental falado na região dos rios Toototobi, Catrimani e Uraricoera (o dialeto yanomami oriental-c) (RAMIREZ, 1994, p. 35). Esse dialeto é designado localmente como *yanomae thē a*, ‘a fala yanomae’, e seus falantes chamam a si mesmos *yanomae thē pē* (os seres humanos”).

E é sobre esses seres humanos que se pode falar, pois existe algo na natureza humana que anseia por conhecer mais do que seus sentidos físicos conhecem, um saber além do que é material. Isto está na cultura de todos os povos, o desejo de entender como o mundo foi criado,

quem o criou e qual é a razão da existência das coisas. Cada povo, de acordo com seus conhecimentos, suas necessidades e sua visão de mundo, tenta enfrentar seus medos e angústias da melhor maneira possível no ambiente onde vive, com sua fé e suas leis e sua organização social. Pode-se pensar de imediato na visão bíblica e cristã de fé, mas esse sentimento se encaixa nas crenças de todas as culturas desde o princípio da humanidade. Ora o homem tende a ser mais racional, ora mais espiritual, mas precisa sempre de respostas em sua busca para o significado da vida, para suas indagações mais básicas. Ele faz isso através da religião (ou a fé comum) que é característica do ser humano e não é prerrogativa exclusiva dos cristãos, especialmente dos católicos que chegaram ao Brasil em 1500 para catequizar os indígenas, como explica Kopenawa (2015) a criação do mundo para os yanomami.

Falando sobre A Fé, A Lei e o Rei

3 SOBRE A FÉ DOS YANOMAMI

Padre Manuel da Nobrega, em seu *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, no capítulo *Et homines, sicut nos* (Ed. MetaLibre, 2006), fala que porque os indígenas são homens como nós, têm entendimento, vontade e memória. Kopenawa descreve em seu livro como seu mundo foi criado, fala sobre isso para dar a conhecer às pessoas de fora do seu convívio e tem o entendimento, vontade e memória para contar a história de seu deus e de seu povo.

A criação do mundo bíblico e a criação do mundo para os Yanomami tem muito em comum, um Deus que dá origem a todas as coisas, todas essas coisas são boas e servem aos homens que deveriam ser imortais. Nas duas narrações, há a oposição Bem e Mal, e é introduzido o sofrimento no mundo por seres diferentes. Um desses seres é o próprio irmão do deus Yanomami *Omama, Yoasi*, e o outro é a serpente da Bíblia. E, a partir daí, os seres humanos tornam-se mortais. Os homens da bíblia se vestem e carregam as consequências de seu pecado, mas os indígenas, na sua cultura, continuam nus e recebem de *Omama*, seu deus, os *xapiri*, espíritos da floresta, criados, a pedido da esposa de *Omama*, para protegê-los dos males físicos e espirituais.

Voltando ao Diálogo sobre a Conversão do Gentio de Padre Manuel da Nóbrega, *Condiciones Indorum quae conversioni christianae opponuntur*, quando Gonçalo Alvarez pergunta a Matheus Nogueira:

Por demais há trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão encarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, há pregar em deserto de pedras.” E Nogueira responde “Se tiverem rei, poderão-se converter, ou se adorarem alguma COUSA...

Nas palavras de Kopenawa, vê-se que, por do intermédio do *xamã*, os indígenas, recebem orientações dos *xapiri* que são os espíritos da natureza, essas são orientações para se comportar e agir adequadamente, nas quais eles acreditam e têm fé.

Ao analisar o texto bíblico e a narração de Kopenawa, temos a definição da criação do mundo segundo cada um: Segundo a Bíblia, a criação do mundo foi um ato de Deus, foi Ele quem criou todas as coisas. Com suas palavras, Deus formou cada elemento do universo e deu vida a toda criatura. No início da criação, a terra não tinha forma, apenas havia trevas e água caóticas e o Espírito de Deus se movia sobre ela. Então, em uma semana, Deus formou o mundo que conhecemos. Segundo os yanomami, *Omama* criou a terra, a floresta e todos os seres vivos, deu forma a terra e escorou o céu com metais para que ele não desabasse, formando o mundo como ele é hoje. O entendimento da criação da terra e de quem a criou é muito parecido nas duas literaturas como vê-se a seguir:

1.”Foi *Omama* que criou a terra e a floresta, o vento que agita suas folhas e os rios cuja água bebemos. Foi ele que nos deu a vida e nos fez muitos. Nossos maiores nos deram a ouvir seu nome desde sempre.” 2. “Também desenhou o primeiro sol, para nos dar luz...”. 3. “... No início, também não existiam os rios; as águas corriam debaixo da terra, bem fundo. Só se ouvia o seu ronco, ao longe, como de fortes corredeiras. Formavam um enorme rio que os *xamãs* nomeiam *Motu uri u...* Quando (*Omama*) a tirou da terra, a água começou a jorrar violentamente em direção ao céu... Lançou também para o céu todos os peixes, raias, jacarés. Subiu tão alto que um outro rio se formou nas costas do céu... Em seguida a água foi se acumulando na terra e começou a correr em todas as direções, formando os rios, os igarapés e os lagos da floresta”. 4. “*Omama* criou também as árvores e as plantas, espalhando no solo, por toda parte, as sementes e seus frutos. Os grãos germinaram na terra e deram origem a toda a floresta em que vivemos desde então... de que tiramos nosso alimento”. 5. “Foi *Yoasi* (irmão de *Omama*) que criou o ser lua *Poriporiri*”. (KOPENAWA, 2015, pp. 81-83)

A criação do mundo na versão cristã é parecida com a versão Yanomami:

Em Gênesis – as origens – 1. “ No princípio, Deus criou os céus e a terra. 2. “ A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas”. 3. Deus disse: “Faça-se a luz!... “4. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. 5. Deus chamou à luz DIA, e às trevas NOITE...” 9. Deus disse: “Que as águas que estão debaixo dos céus se ajuntem num mesmo lugar, e apareça o elemento árido TERRA, e ao ajuntamento das águas MAR. E Deus viu que isso era bom”. 11. “Produza a terra plantas, ervas que contenham sementes e árvores frutíferas que dêem frutos segundo a sua espécie.” (GÊNESIS, 1, 9-11)

O ser humano, na cultura indígena, faz parte da natureza assim como todas as outras criaturas vegetais, minerais, as águas, os animais, são todos parentes e, também, para a existência do homem e da mulher, há a narrativa de Davi Kopenawa:

“ No início, nenhum ser humano vivia ali. *Omama* e seu irmão *Yoasi* viviam sozinhos, nenhuma mulher existia ainda. Os dois irmãos só vieram a conhecer a primeira mulher muito mais tarde, quando *Omama* pescou a filha de *Tëpërësiki* num grande rio”... Nós saímos, mais tarde, da vagina da esposa de *Omama*, *Thuëyoma*, a mulher que ele tirou das águas”. (KOPENAWA, p. 82)

No Antigo testamento, o pecado é considerado mais sob o aspecto da ação externa enquanto atentado à ordem estabelecida por Deus, como em Adão e Eva. De um modo especial em relação à aliança, o Novo Testamento insiste predominantemente no aspecto do julgamento moral e da responsabilidade interna do que peca. Aparentemente, no Diálogo sobre a conversão do Gentio, juntam-se os dois conceitos para julgar os indígenas, tanto o interno quanto o externo, o de os indígenas terem entendimento e o de que precisam ser catequizados.

O que difere a origem dos homens da Bíblia e a origem dos Yanomami é o “pecado”, que para esses não existe, porque os Yanomami entendem as criaturas e a natureza com o mesmo valor, portanto não são julgados em suas ações como os brancos julgam, pela razão ocidental, de existirem seres inferiores e seres superiores e sua hierarquia. As questões que aos Yanomami desagradam são resolvidas em suas “assembleias”, onde se juntam para discuti-las e tentar resolvê-las.

No *Diálogo sobre a Conversão dos Gentios, em Effectus peccati originalis*, Nogueira discorre:

Pois estai atento. Depois que nosso pai Adam peccou, como dis o psalmista, não conhecendo a honra que tinha, foi tornado semelhante à besta, de maneira que todos, asi Portugueses, como Castelhanos, como Tamoios, como Aimurés, ficamos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisso todos somos iguais, nem dispensou há naturaliza mais com huma geração que com outra, posto que em particular dá melhor entendimento a hum que a outro. Façamos logo do ferro todo hum, frio e sem virtude, sem se poder volver a nada, porem, metido na forija, o fogo o torna que mais parece fogo que ferro; assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam sem ferro frio sem proveito, mas quanto mais se aqueita no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis. E bem se vê em hum que está em pecado mortal, fora da graça de Deus que pera nada presta das cousas que toquem a Deus, não pode rezar, não pode estar na igreja, a toda a cousa espiritual tem fastio, não tem vontade pera fazer cousa boa nenhuma; e se por medo ou por obediencia ou por vergonha há faz, hé tão tristemente e tão preguiosamente, que não val nada, porque está escripto que ao dador com alegria recebe Deus. (Editora MetaLibre, 2006)

Não existe nenhuma condição imposta por Omama na terra indígena, lá o bem e o mal coexistem, há sempre uma luta entre eles, ora vence um, ora vence outro, mas não há poder de um ser vivo ou da natureza sobre outro ser em sua cultura, há a convivência e a cooperação..

É dito no livro *A queda do céu* (2015) que *Omama e Yoasi* existiram desde sempre juntos e eram irmãos, só vieram conhecer a primeira mulher mais tarde quando *Omama* a tirou das águas de um rio para ser sua esposa e mãe dos habitantes da floresta, mas ela não é mãe do primeiro xamã, pois o primeiro xamã era filho de *Omama* que copulava na dobra do joelho de seu irmão *Yoasi*, nascendo assim um filho que foi ensinado a ser *xamã*.

Omama queria que os humanos fossem imortais, tornando sua pele semelhante à casca de uma árvore resistente e trocá-la sempre que necessário, mas *Yoasi* trocou a árvore resistente por uma fibrosa e mole, ensinando-lhes a morrer para sempre. *Yoasi* fez também surgir na floresta os seres maléficos, com seu pensamento cheio de esquecimentos. Foi ele que trouxe a morte ao mundo e a fragilidade dos homens. Para os Yanomami existe o sofrimento, mas não se fala em culpa e pecado.

Kopenawa (2015) diz que o ser maléfico *Yoasi* tinha ensinado a morrer, então ele denomina os brancos *yoasi thëri*, gente de *Yoasi*, citando suas obras e suas mercadorias, suas máquinas e suas epidemias (doenças), o que Santos (2019) chamaria de Capitalismo. No livro *A queda do céu* (p. 334), os brancos são chamados de comedores de terra, por destruírem a natureza e tudo o que veem pela frente.

A primeira mulher, *Thuëyoma*, mãe dos habitantes da floresta, foi tirada das águas por *Omama*, tinha sua família do fundo do rio tinha uma história e a mesma relevância de *Omama*. Eram dois integrados à natureza, iguais perante ela. Os Yanomami não se consideram superiores uns aos outros, nem sobre nenhum outro ser da natureza.

4 OS COLONIZADORES (Colonialismo)

Na Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel sobre o Descobrimento do Brasil e suas primeiras reações diante da terra e do “índio”, em uma mentalidade em que se fundiam valores religiosos medievais e valores renascentistas de expansão ultramarina portuguesa de colonização e exploração, tem-se a simpatia pelo índio como sendo a “visão do paraíso”:

“... e estão acerca disso com tanta inocência como têm de mostrar o rosto. [...] Eles porém contudo andam muito bem curados e limpos e naquilo me parece ainda mais que são como as aves ou alimárias monteses que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabelo que as mansas, porque os corpos seus são tão limpos e tão gordos e tão fremosos que não pode mais ser..” (OBJETIVO, 2003)

No subtítulo “Imagens dos forasteiros” (Kopenawa, 2015, p. 221), é dito que quando os brancos ainda não haviam chegado, não existiam o sarampo, a tosse, a malária e os ancestrais não adoeciam tanto. Os yanomami amavam a beleza e o frescor da floresta, as mulheres mais velhas esfregavam remédios das plantas em seus corpos e quando as pessoas se sentiam mal, bebiam mel selvagem e ficavam curadas. Eles sabiam todas essas coisas de cuidado com o corpo. Em suas festas *reahu*, grande festa intercomunitária que pode ser cerimônia de comemoração de colheita, aliança política ou ritual funerário, havia convidados de outras casas, onde eles se cuidavam e se enfeitavam, sendo a pintura de seus corpos e seus enfeites corporais considerados por eles suas vestimentas.

Os convidados enfeitavam o cabelo com penugem de urubu branco e colocavam em volta da testa faixas de rabo de macaco *cuxiu-negro*. Cobriam o rosto e o corpo com tinta fresca de urucum e sobre ela traçavam ondas, círculos ou pontilhados em preto. Usavam brincos de penas de papagaio e peitos turquesa de pássaro *hëima si* nas orelhas. Punham em braçadeiras de algodão longas caudais de arara-vermelha e tufos de penas brancas e pretas de *cujubim*. Prendiam nelas rabos de tucano e despojos alaranjados de galo-

da-serra. Ficavam muito bonitos, e dançavam com muita animação, para fazer boa figura na casa de seus anfitriões. (KOPENAWA, 2015, p. 225)

Isso também é comentado por Pero de Magalhães Gândavo no capítulo sétimo, Da Condição e Costumes dos Índios da Terra, parecido com a citação de Caminha, a impressão da nudez dos índios e dos seus corpos saudáveis quando os forasteiros aqui chegaram com suas epidemias.

“Estes índios andão nus sem cobertura alguma, assi machos como femeas; não cobrem parte alguma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu”. Atualmente tem-se a consciência do que significa sua integração com a natureza, com toda sua riqueza de plantas curativas e comestíveis, o clima tropical e sua escolha pelo caminho da espiritualidade.

5 AS LEIS E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS YANOMAMI

Para a representação do pensamento dos Yanomami de Davi Kopenawa, o cenário pode ser o capítulo oitavo, denominado O céu e a floresta – espelho e caminhos dos espíritos (KOPENAWA, 2015, p. 193-234) que fala da relação dos indígenas com a natureza.

Os Yanomami temem os fenômenos da natureza como as tempestades com seus raios e trovões. Sua história começa com o primeiro céu que desabou porque era frágil, o céu e a floresta eram frágeis, não havia escoras suficientes para fixar o céu na terra, pois essas escoras eram de madeira mole. Então, o céu se desestabilizou, caiu em pedaços e levou os primeiros humanos para debaixo da terra, mas um pedaço do céu que caiu e se apoiou sobre algumas árvores, deu oportunidade para alguns humanos fazerem um buraco, saírem por ele e continuar vivendo na terra. Esses humanos, mais tarde, acabaram morrendo por várias causas e desapareceram. Os indígenas de hoje vieram depois e são fantasmas daquela primeira gente. Aquele primeiro céu tornou-se a floresta atual, que é um antigo nível celeste.

Mais tarde, outro céu mais sólido desceu, esse foi criado por *Omama* que o fixou com os metais que existem na terra, são eles que sustentam o céu como se fossem raízes, por esse motivo os Yanomami dizem que não se pode garimpar. Sempre que o céu começa a tremer (tempestades), os xamãs antigos (espíritos) enviam os *xapiri* (espíritos de todos os seres da

floresta) para reforçá-lo. O céu ainda se move, suas beiradas estão gastas e frágeis, precisam de constante ajuda dos espíritos *xapiri* dos animais e dos fenômenos da natureza, o que é feito com os metais que existem na terra, eles existem para sustentar o céu. Os *xamãs* trabalham, quando chove muito, para limpar o céu. É preciso acalmar todos os seres da chuva. As filhas do ser da chuva dançam sobre as árvores quando está chovendo e é preciso acalmá-las para que a chuva passe e o espírito do fogo celeste (sol) desça e volte tudo ao normal.

Os Yanomami explicam as estações do ano, tempo chuvoso e tempo seco com espíritos da floresta, que os trazem e os levam de volta para o lugar de onde vieram. Para que o caos dos primeiros tempos não retorne, os *xapiri* aplacam a ira da natureza oferecendo-lhes alimento e tabaco. A anta é o animal antigo que foi morto, reviveu e se transformou em muitos trovões. Os raios são comparados às araras, o vendaval, *yariporari*, atira flexas por toda a floresta e destrói tudo pela frente, é um ser maléfico muito poderoso. Por isso o trabalho dos *xamãs* que, através do uso da *yãkoana* (*Yãkoana hi ou Yãkoana a*: Virola *elongata*, ucuuba-vermelha; árvore de cuja resina é fabricado o pó alucinógeno *yãkoana a*, cujo principal princípio ativo é a dimetiltriptamina), recebem os *xapiri* e conseguem acalmar os espíritos da natureza. Tanto o tempo chuvoso como o tempo seco podem trazer prejuízo para os indígenas, então os *xamãs* precisam estabelecer a paz entre eles, o equilíbrio é negociado com os seres do sol e da chuva, através de danças e do pó de *yãkoana*.

Sendo Davi Kopenawa um *xamã*, ele declara que é nos seus sonhos com o *yãkoana* que ele toma as orientações para a vida social da aldeia, a política é baseada no sonho que é transformado em realidade política (suas ações são tomadas com base nos sonhos, na transcendência através dos alucinógenos). A cosmologia indígena (ordem) está profundamente ligada à vida cotidiana. A ligação entre os seres tanto vivos quanto os espirituais é feita através das plantas de feitiçaria *hayakoari hana* que pertencem aos espíritos do céu. A vida cotidiana dos Yanomami é organizada em trabalho na plantação, caça e pesca, o artesanato das mulheres e de tempos em tempos as festas de *heahu*, quando são convidados os vizinhos.

Assim diz Davi Kopenawa:

Os nossos maiores não usavam facas. Destrinchavam a caça com lâminas de bambu. Esmagavam os ossos das presas com pedaços de madeira dura. Também pescavam com anzóis feitos de osso de tatu ou com espinhos encurvados de cipó *ërama thotho* amarrados com a fibra das folhas da planta *yãma asi*. As mulheres ralavam mandioca em pedras ou na casca rugosa da árvore *operema axihi*. Os homens faziam fogo esfregando brocas de cacaeiro entre as mãos. As pessoas cortavam o cabelo com lascas de taboca

afiadas ou com dentes de piranha. Não havia pente. Ajeitavam os cabelos com o caroço espinhoso das frutas da árvore *ruapa hi*. Tampouco havia espelhos. Quando alguém queria depilar as sobrancelhas ou se pintar, tinha de pedir a outra pessoa para fazê-lo. No final das festas de *reahu*, trocavam, arcos, flechas, estojos de bambu, pontas de flechas, adornos de plumas, tabaco, tinta de urucum, cabaças, cães, redes de algodão e potes de cerâmicas. Nossos maiores, no rio Toototobi, tinham um banco de argila. Eram as mulheres que faziam a cerâmica que os homens trocavam com gentes de outras casas. (KOPENAWA, 2015, p.223)

Os Yanomami têm uma vida social comunitária, dividem o que produzem em festas de *reahu*, com todos os vizinhos e parentes amigos de outras aldeias, onde é o lugar de discutir os problemas sociais internos e externos das comunidades, sentados frente a frente em suas rodas de conversa. Depois, cada um volta para sua aldeia, até a próxima festa. As crianças são tratadas pelos adultos com muito respeito, seus sonhos e seus comportamentos são relevantes. A inalação coletiva de alucinógenas no último dia do *reahu*, precede à execução de diálogos cerimoniais *yãimuu*, em que se negociam diversas trocas e se resolvem desavenças. Quando os ânimos ficam exaltados, podem ocorrer duelos cerimoniais, nos quais os parceiros trocam alternadamente socos no peito (*pariki xëyuu*) ou bordunadas na cabeça (*he xëyuu*). Também na festa de *reahu*, quando morria um familiar e, se tivesse sido comido por inimigos, a raiva de seu luto só podia ser aplacada quando o tivessem vingado. Então bebiam as cinzas de seus ossos (uma grande honra) com mingau de banana e partiam para a guerra.

Acontece assim. Os jovens – moradores e convidados – começam a cantar respondendo uns aos outros, aos pares, de pé um diante do outro, na praça central da casa. Quando terminam, vão sendo substituídos aos poucos pelos homens mais experientes, que vão se sucedendo sem descanso até o meio da noite. É isso que chamamos de *wayamuu*. As palavras desses diálogos se alongam muito. São como as notícias de rádio dos brancos. Nelas relatamos o que ouvimos em visita a outras casas. É assim que, às vezes, alertamos nossos convidados de que pessoas de longe têm raiva deles e querem desafiá-los com a borduna ou até flechá-los. Nesses diálogos falamos também dos males que afligem os nossos. (KOPENAWA, 2015, p. 377)

Ao contrário do europeu, que quer expandir seu império, os Yanomami se limitam ao seu território e às pessoas que vivem naquela área, plantando suas roças, caçando e colhendo na floresta, convidando seus vizinhos para festas e discutindo os problemas locais. Suas

guerras giram em torno de limites territoriais para caça e plantação, além de questões de ordem espiritual que atacam suas malocas, através de feitiçarias de *xamãs* inimigos. A lei é dividir, não guardar ferramentas, alimentos, conhecimentos, problemas. Não há acúmulo de bens, nem excesso de trabalho, não há comandantes e chefes. Há discussões e orientações e a respeito de suas leis:

Não temos leis desenhadas em peles de papel e desconhecemos as palavras de *Teosi* (deus dos brancos). Em compensação, possuímos a imagem de *Omama* e a de seu filho, o primeiro xamã. Elas são nossa lei e o governo. Nossos antigos não tinham livros. As palavras de *Omama* e as dos espíritos penetram em nosso pensamento com a *yãkoana* e o sonho. E assim guardamos nossa lei dentro de nós, desde o primeiro tempo, continuando a seguir o que *Omama* ensinou a nossos antepassados. Somos bons caçadores porque ele fez entrar em nosso sangue as imagens dos gaviões *wakoa* e *kãokãoma*. Não precisamos ensinar nossos filhos a caçar. Bem jovens, começaram por flechar lagartos e passarinhos e depois, quando crescem, vão caçar animais maiores. *Omama* nos deu também as plantas de nossas roças, que foram dadas pelo sogro vindo das profundezas das águas. Ensinou-nos o modo de construir nossas casas e de cortar nossos cabelos. Ensinou-nos a dar festas de *reahu* e a pôr em esquecimento as cinzas de nossos mortos. Transmitiu-nos todas as palavras de nosso saber. Já os brancos têm escolas para isso. O que eles chamam de educação, para nós são as palavras de *Omama* e dos *xapiri*, os discursos de *hereamuu* de nossos grandes homens, os diálogos de *wayamuu* e *yãimuu* de nossas festas. Por isso, enquanto vivermos, a lei de *Omama* permanecerá sempre no fundo de nosso pensamento. (KOPENAWA, 2015, p.391)

No capítulo sétimo do *Tratado da Terra do Brasil*, Gândavo fala da condição e costumes dos índios da terra que “... Finalmente que são estes índios mui deshumanos e cruéis, não se movem a nenhuma piedade: vivem como brutos animaes sem ordem nem concerto de homens...”, mas também afirma: “Tem esta qualidade estes índios que qualquer cousa que comão por pequena que seja hão de convidar com ella quantos estiverem presentes, só esta proximidade se acha entrelles...” Pode-se fazer aqui um paralelo com as festas de *heahu* e seus objetivos, a convivência entre os povos vizinhos e dentro da comunidade.

5.1 Casa dos espíritos

A casa dos espíritos começa no corpo do *xamã* (peito), depois se torna uma habitação autônoma presa no céu (imagem corporal/essência vital) “alter ego”(outro eu), por isso a fala virou outro (entrou em contato com o espiritual).

As montanhas são a moradia dos *xapiris* livres da floresta, que deve ser introduzidos no peito do iniciando *xamã*. O sopro penetra com a *yãkoana* e os *xapiri* nas narinas e no peito do iniciando, transmitindo a ele as qualidades pessoais de seu iniciador (coragem, sabedoria, disposição para o trabalho etc). O *xamã* deve alimentá-los e cuidar bem deles.

Na verdade, são os ancestrais humanos que se transformaram em espíritos animais que são os *xapiri*. Os espíritos da floresta e do céu vão a lugares que estão fora do alcance de gente comum e trazem esses lugares (conhecimentos) para expandir o espírito do *xamã*, acumulando saberes e aumentando a casa dos espíritos, a fim de curar física e espiritualmente as pessoas.

As casas dos espíritos *xapiri* são construídas por eles mesmos, depois de limpa a clareira por espíritos vindos de todos os lugares. Assemelham-se a vidro brilhante e são ligadas ao céu. É construída uma casa de espíritos a cada novo *xamã*. Existem homens e mulheres espíritos e eles se comportam à semelhança dos vivos, dançam, cantam e se enfeitam. Elas iniciam as danças com feitiços amorosos e perfumes para seduzir os homens *xapiri*. O chão da casa é feito de espelhos e deve ser ampla e bela, eles descem de onde o céu se aproxima da terra e pelas trilhas que foram abertas pelos *xamãs*. Os espíritos *xapiri* se enfeitam como os indígenas, corpo pintado de urucum e decorado com desenhos pretos, braçadeiras cheias de caudais de arara-vermelha e cabelos cobertos de penugem branca reluzente e são perfumados. Com o tempo, com a chegada de novos espíritos, as casas vão sendo ampliadas e ficam parecidas com vespeiros muito altos. Em cada habitação mora um tipo de animal, eles não se misturam.

Numa casa de espíritos, os espíritos maléficos do *xamã* ficam no ponto mais alto, para além do peito do céu. Eles são usados para vingar a morte dos indígenas que foram devorados por *xamãs* inimigos de longe. Parece que esses fatos são simbólicos, são rituais de cura e proteção da aldeia, diante dos perigos da natureza exuberante da floresta na qual vivem e com a qual interagem. No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak diz:

Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de conhecer essa instituição do sonho não como uma experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido

prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas. (KRENAK, 2020, p.52)

Em seu tratado da Terra do Brasil, Pêro de Magalhães escreve no Prologo ao Lector:

Minha tenção não foi outra neste summario (discreto e curioso lector) senão denunciar em breves palavras a fertilidade e abundancia da terra do Brasil, para que esta fama venha a noticia de muitas pessoas que nestes Reinos vivem com pobreza, e não duvidem escolhe-la para seu remédio; por que a mesma terra he tam natural e favoravel aos estranhos que a todos agasalha e convida como remédio por pobres e desemparrados que sejam. E assi cada vez se vai fazendo mais prospera, e depois que as terras viçosas se forem povoando (que agora estão desertas por falta de gente)... por que he certo ser em si a terra mui rica e haver nella muitos metaes [...] (GÂNDAVO, ed. Itatiaia, 1980)

Enquanto Pêro de Magalhães Gândavo ignora os originários, declarando a terra “despovoada” por falta de gente, a vida continua fervilhante nas aldeias e seus hábitos cotidianos. No capítulo nono, *Imagens dos forasteiros*, Davi Kopenawa começa dizendo que:

Antigamente, as mulheres faziam cerâmica que os homens trocavam com gente de outras casas, os homens dormiam em redes de entrecasca ou de algodão, as mulheres cozinhavam em panelas de barro e assavam beijus em placas de argila. Os homens, também, plantavam bananeiras, mandioca, cará, taioba, batata-doce, milho, tabaco e pupunha. Partiam todos juntos para caçar longe, na floresta, macacos, antas, queixadas e moqueavam-nos para levar para casa. Depois, faziam festa durante toda a estação da seca. Brigavam por ciúme durante as festas, por causa das mulheres casadas ou solteiras. (KOPENAWA, 2015 p.222)

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, invadindo e dominando um mundo que já estava formado e funcionando adequadamente. Desde muito tempo, os indígenas viviam em comunhão com a natureza, nas suas atividades, integrando-se com o organismo vivo que é a terra e conectados com seu mundo de sonhos, o sonho como instituição, onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriando de recursos para dar conta de si mesmas e de seu entorno. Cada indivíduo da “civilização” que veio, como se não houvessem outros habitando as terras, as florestas, vivendo em harmonia, ignorou aquela civilização.

Os povos originários do Brasil lidaram com a colonização que invadiu o seu mundo, subsistiram e chegaram ao século XXI, com toda aquela gente chegando e querendo civilizá-los, não para fazerem parte da humanidade deles, mas fazê-los servis e cooperadores.

No capítulo dezesseis de *A queda do céu*, O ouro canibal – desestabilizar a terra, Davi Kopenawa diz que os metais que existem na terra foram escondidos ali por *Omama*, que eles são o esqueleto da terra e não podem ser extraídos de lá porque adoecem os humanos que, apesar de já possuírem muitas mercadorias, continuam querendo mais, sem saber que esses metais e o petróleo podem lhes fazer muito mal. Ele diz que esses metais são lascas do céu, da lua, do sol e das estrelas, que caíram do céu no primeiro tempo. *Omama* deixou para os indígenas alguns pedaços, depois de fazê-los inofensivos, para que eles os utilizassem como ferramentas em suas roças.

Quem levou a notícia da existência desses metais da floresta para os brancos foi *Yoasi*, trazendo assim os garimpeiros. *Yoasi* conseguiu fazer chegar a notícia da existência desse metal aos ancestrais brancos, que atravessaram as águas à sua procura na terra do Brasil. Achando-se todo-poderosos, mas com o pensamento cheio de escuridão.

Os Yanomami preferem caçar e abrir roças na floresta a extrair metais, que para eles só trazem o mal. Para eles existe um metal, pai do ouro, mais fundo na terra que é guardado pelos *xapiri*. Se for retirado, os habitantes da terra cairão no fundo de um abismo. Esse metal não se deteriora, nem se degrada jamais.

Omama soterrou o ferro, o ouro, a cassiterita e o urânio para proteger as pessoas, deixando à vista apenas os alimentos, que são necessários. As palavras da imagem de *Omama* ensinam a rezear o ouro e os demais minérios que são seres vivos, enquanto intocados; depois de manipulados, tornam-se perigosos, são fumaças de minérios, o que chamam de epidemia *xawara* e trazem as doenças que existem hoje. O sopro vital dos habitantes da floresta é frágil

diante dessas fumaças *xawara* (poluição), mas os brancos só se importam em cozinhar o metal e o petróleo para fabricar suas mercadorias e a se aproximarem cada vez da floresta.

Os seres *xawarari* (doenças) se alimentam dos humanos depois destrinchá-los e cozinhá-los como se fossem caça dos indígenas e estão associados também aos homens brancos e suas mercadorias. A epidemia *xawara* resiste mais à investida dos *xamãs* do que os espíritos da floresta, e os *xapiri* não conseguem destruí-la, pois ela é rastro de outra gente, os brancos, que matam, assim, sua própria gente, os animais e a floresta. No final, inclusive os *xapiri*, e a imagem de *Omama* serão atingidos.

Então, Davi Kopenawa relata que os antigos *xamãs* diziam essas palavras, que sonhavam e contavam em cantos para que os brancos deixassem de destruir, porque nem eles sobreviverão.

5.2 A queda do céu – falar aos brancos

Os homens mais velhos da tribo, considerados de grande sabedoria, fazem discursos incentivando os mais novos a trabalhar em suas roças e a caçar, o que é chamado de *hereamuu*. Davi Kopenawa sempre se esforçou para ser um grande homem. A escola dos indígenas é o uso da *yãkoana* e é dialogando através dela que entendem o que está em seu pensamento, o que querem dizer e são corrigidos pelos outros. Os diálogos são feitos à noite, até o amanhecer. Foi dessa maneira que Davi começou a orientar os seus sobre o que os brancos traziam de ruim para eles. Os mais velhos são substituídos pelos jovens no trabalho para sustentar a família e esses são aconselhados a não visitarem muito uns aos outros nas aldeias para não causar desentendimentos, mas a manter-se unidos para defenderem-se dos invasores de terras.

Quando os brancos começaram a chegar, os Yanomami não se defenderam porque não desconfiaram de que eles iriam cortar as árvores, abrir estradas e escavar o leito do rio em busca de ouro. Davi Kopenawa, ao sair da floresta e entrar em contato com os brancos, começou a alertar seu povo sobre eles, e também, fazer chegar aos brancos o pensamento dos habitantes da floresta.

A primeira vez que Davi Kopenawa falou fora da floresta foi em Manaus, para outros indígenas. Ailton Krenak e Álvaro Tukano eram líderes da União das Nações Indígenas e o convidaram para falar e defender a floresta. Depois os Makuxi o convidaram para uma assembleia onde havia outros povos e também brancos. Assim, observando outros indígenas, foi aprendendo a defender os Yanomami. Depois de Manaus, discursando cada vez melhor e

conhecendo as cidades dos brancos, foi compreendendo seus pensamentos e sua sede de conquistas.

A política para os Yanomami são as palavras que escutam de *Omama* e dos *xapiri*, são as palavras que ouvem no tempo dos sonhos, as quais não são entendidas pelos brancos. As palavras de *Omama* e de seu filho, o primeiro *xamã*, são sua lei e seu governo, por isso, conseguem preservar a floresta, onde está sua sobrevivência.

5.3 Casas de pedra

Davi Kopenawa foi a Londres e conheceu Stonehenge, visitou o conjunto megalítico e Averbury, no sul da Inglaterra, em 1991. Trouxe dessas excursões uma brochura apresentando imagens da reconstituição de vastas estruturas circulares semelhantes às casas coletivas Yanomami, segundo ele, os brancos atuais da Europa, são os espíritos de seus ancestrais que viveram lá há muito tempo e foram eles que desenvolveram as mercadorias usadas atualmente. No tempo antigo, eles eram como os Yanomami, mas hoje não são mais. Ele pede aos brancos que parem com seus discursos vazios e defendam verdadeiramente a floresta e tudo o que há nela, contando que *Omama* lhes ensinou a construir casas de pedra (Stonehenge) para que eles não destruíssem as florestas, mas eles não quiseram ouvir os ensinamentos e construíram as cidades, por isso não há mais florestas na Europa.

5.4 Paixão pela mercadoria

“O que fazem os brancos com todo esse ouro? Por acaso eles o comem?

(Davi Kopenawa, Tribunal permanente dos povos sobre a Amazônia brasileira, Paris, 13 out. 1990)

Os brancos começaram a construir fábricas para cozer os metais e fabricar mercadorias, arrancando-os do solo com voracidade e em grande quantidade, achando que assim, nunca passariam necessidade. Cortaram árvores, maltrataram a terra e sujaram os rios. Hoje quase não têm floresta, então vão procurar outras florestas.

Todo objeto que tem valor e importância é chamado pelos Yanomami de *matihi*, adornos, cinzas dos mortos etc, quando eles conheceram os objetos dos brancos, também os chamaram de *matihi*, mas nem imaginavam que esses objetos traziam em si as epidemias *xawara* e a morte.

Os objetos duram mais que os humanos, por isso os Yanomami sempre doam os seus pertences. Já que sabem que são mortais, não se apegam a coisas, não deixam herança. Seus verdadeiros bens são a floresta, as águas com seus peixes, a caça, as árvores e frutos. Quando alguém morre, seus objetos são queimados com ele, para que seja posto em esquecimento e não haja tristeza. Trocando seus pertences, dão e recebem objetos de longe o que é acompanhado de boas palavras e respeito. Quando encontraram, no início, os brancos na floresta, confiaram neles e acreditaram que se comportariam, em relação aos objetos, como eles se comportam. Dão à troca de objetos o nome de “caminho de pessoas generosas”. Então, satisfeitos, podem declarar, apontando para a entrada de sua casa: “Essa é uma porta de generosidade!”. Nunca pensam em chegar a uma terra para tirar, sem dizer nada. Mas os pensamentos dos brancos estão concentrados em suas mercadorias e sempre querem mais. Empilham seus bens e nunca os distribuem. Morrem e matam por elas.

5.5 Na cidade

Quando Davi Kopenawa foi a Paris, a cidade lhe parecia balançar o tempo todo, para ele o céu é baixo e sempre coberto de nuvens, com chuva, frio e seres subterrâneos da noite e do caos. A terra escavada em túneis como se fossem grandes minhocas e trens de metal andando com grande estrondo, por isso, parecia tremer o tempo todo, eram vibrações inquietantes e causavam a ele muitas aflições e pesadelos. A seu dizer, onde:

“Os espíritos *napēnapēri* dos antigos brancos quiseram testar minha força e meu conhecimento. Assim eu pude conhecer muitos desses *xapiri* estrangeiros de danças magníficas que diziam-me: Fique atento! Dê a eles suas palavras em voz firme, e não se deixe enganar por suas mentiras!
(KOPENAWA, 2015, p.424)

A torre Eiffel foi comparada, por Davi Kopenawa, às casas dos *xapiri*, cercada de caminhos luminosos, feita de metal dos espíritos. Ele diz também que imitaram suas casas de espíritos, mas ela não é viva como elas. Ele viu também uma grande pedra enfiada no chão que foi saqueada em uma guerra; e, quando viu em um museu objetos indígenas, sabia que os fantasmas de seus antepassados estavam neles, se revoltou com o desrespeito à sua memória, para ele não deveriam estar ali.

Para os indígenas, o que não morre nunca como o céu, o sol, as montanhas, a chuva, o dia e a noite é que deveriam ser valorizados. Objetos que saíram do Brasil e de seu povo não deveriam ser expostos em museus, “os brancos não se incomodam em exhibir despojos daqueles que mataram”.

Quando foi a Nova York, Kopenawa se assustou com os prédios onde os brancos viviam empilhados e com as pessoas que pareciam formigas correndo de um lado para outro. Pensou na quantidade de mercadorias gastas para tudo aquilo. Nas periferias, os pobres com quem ninguém se importa. Era um lugar de destruição, onde os brancos maltrataram os originários do mesmo modo que os maltratam no Brasil. Seu fascínio pelas mercadorias, estradas, trens e aviões nunca parou de aumentar.

“Estou sempre em busca de outras palavras, palavras que eles ainda não conhecem. Quero que se surpreendam e que prestem atenção”.

Kopenawa diz que os brancos quase não dormem e correm sonolentos o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta, vivem sem alegria e envelhecem depressa. “As palavras sem sabedoria dos políticos da cidade vão aos poucos desaparecendo no sossego de meu sono... Às vezes, imito a língua dos brancos e até possuo algumas de suas mercadorias. Não tenho, porém, desejo algum de me tornar um deles”.

A ecologia dos saberes e a tradução intercultural descritas por Santos (2019, p. 59) são ferramentas que tornam visíveis a diversidade de conhecimentos dos seres humanos, ao mostrar a opressão dos colonizadores e a resistência dos oprimidos que, ao interagir com o mundo de fora de sua aldeia, falam de sua cultura e seus sentimentos sobre a opressão, sobre a desinformação dos outros em relação a eles e reforçam a inteligibilidade recíproca e o respeito.

Quando Davi Kopenawa se integrou à sociedade dos brancos, ainda na Amazônia e começou a aprender sua língua, abriu-se para ele a oportunidade de conhecer outros povos, outros países mundo afora e observar como essas pessoas viviam, se comportavam, como interagiam com o planeta terra e o utilizavam em seu benefício; podendo, assim, dar suas palavras, seu conhecimento e seu pensamento indígena para reagir ao entendimento de vida dos brancos, fazendo-os compreender como suas atitudes podem afetar o modo de viver de seu povo e, também, prejudicar toda a humanidade. Esse trabalho de tradução intercultural é, muitas vezes, feito informalmente, em interações dominadas pela oralidade.

6 O REI

Tanto Camões como Gândavo dedicam seus escritos ao Rei de Portugal, dando a entender ser ele o objetivo de suas obras e motivo de seu trabalho e cujo poder submete os povos. Como no verso oitavo do Canto primeiro:

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império/ O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,/ E quando desce o deixa derradeiro;/ Vós, que esperamos jugo e vitupério/ Do torpe Ismaelita cavaleiro,/ Do Turco oriental e do Gentio/ Que ainda bebe o licor do Santo Rio. (Os LUSÍADAS, 2003)

E Gândavo, dirige-se “Ao mui alto e Sereníssimo Príncipe dom Henrique, Cardeal, Infante de Portugal mostrando obediência e submissão:

Posto que os dias passados apresentei outro summario da terra do Brasil a el-Rei nosso Senhor, foi por cumprir primeiro com esta obrigação de Vassallo que todos devemos a nosso Rei: e por esta razão me pareceu cousa mui necessária (muito Alto e Sereníssimo Senhor) oferecer também este a V. A. a quem se devem referir os louvores e acrescentamento das terras que nestes Reinos florecem: pois sempre desejou tanto augmentá-las, e conservar seus Subditos e Vassallos em perpetua paz [...] (TRATADO DA TERRA DO BRASIL, 1980)

No conceito europeu, o rei pode ser um chefe de Estado investido de realeza, o que detém o poder absoluto ou grande parcela de poder. Para os Yanomami, poderia ser definido na origem da palavra, ou etimologia da palavra que provém do latim *rex*, *regis* e vem da raiz indo-europeia *reg*, que equivale a conduzir, governar, guiar, ou regir, pois o *xamã*, através dos “sonhos”, recebe instruções para conduzir o seu povo, guiá-lo de acordo com suas cosmovisões, para atitudes assertivas diante da grandeza e dos perigos da natureza e também na convivência com os povos vizinhos ao seu redor.

Os Yanomami não têm rei para quem fazer conquistas e honras, eles têm o *xamã* que os orienta no seu entendimento do mundo e do sonho que transmitem através da palavra que herdaram de seus antecessores.

7 A PALAVRA

“Eu não vi as coisas de que eu falo no papel dos livros nem em peles de imagens. Meu papel está dentro de mim e me foi transmitido pelas palavras dos meus maiores”. Davi Kopenawa Survival International Public Meeting, 5 dez. 1989, em Londres (arquivos Survival International)

Davi Kopenawa diz que apenas quem toma *yãkoana* pode conhecer a floresta e esse conhecimento é como a escrita dos brancos, por isso esses têm pensamentos errados a seu respeito. As palavras que os *xapiri* dizem a eles são vivas e que as palavras escritas pelos brancos em peles de papel não falam nem pensam. Daí vem as leis dos brancos escritas sobre árvores derrubadas (papel) como seu dinheiro que também é feito de peles de árvores e a tinta com que escrevem é tirada da floresta. Os indígenas, povos da floresta, ao contrário, desenham em seu próprio corpo com pinturas de urucum vermelho e preto. É assim que transmitem sua história e desenham suas palavras.

Kopenawa relata pensar que *Yoasi* é quem os ancestrais dos brancos chamam *Teosi*., e invertendo as tentativas dos missionários de associar *Omama*., o demiurgo Yanomami, ao Deus cristão (*Teosi*, do português Deus), identifica-o ao contrário, ao enganador *Yoasi*, irmão de *Omama*, personagem colérico, invejoso e trapalhão, criador da morte e dos males que afligem a humanos. O contato dos missionários com os Yanomami fez com que esses o associassem a algo que não era bom. Sua compreensão de deus era outra e bem estabelecida em seu entendimento.

O modo de estudar dos brancos, nos livros onde são ensinados a pensar, são estranhos a Davi Kopenawa. Ele diz que com os olhos vivos não se vê a verdade, mas apenas com o pensamento pode-se subir para o peito do céu ou descer ao mundo subterrâneo, trazendo assim coisas que não têm fim.

Os brancos não veem nem ouvem o que está em seu pensamento, eles leem e depois relatam seu conhecimento uns aos outros. Quando dormem, só veem no sonho o que se passa durante o dia, não sabem sonhar. O sonho na floresta é distante e inesgotável, deitados na rede seu sopro de vida e sua imagem voam na floresta, esse é seu modo de estudar.

7.1 O espírito da floresta

“Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira”.

Davi Kopenaw, entrevista a F. Watson (Survival International, Boa Vista, jul. 1992)

Nas palavras de Kopenawa, a floresta está viva, pois se estivesse morta nós também estaríamos. Ela sente dor e chora quando é queimada, por isso os indígenas não a destroem. Eles plantam suas roças no meio da mata e usam a madeira que já está caída para suas fogueiras. Quando os brancos a destroem, ela fica doente e vem o ser da fome. Só há água na floresta quando ela está saudável. Os seres humanos vivem pouco e morrem depressa, já a floresta, se não for destruída, não morre nunca.

Aqui aparece uma supremacia da natureza sobre o ser humano, o que os indígenas conhecem e respeitam. “Os animais são gente como nós e, no entanto, os flechamos e moqueamos para servir de comida em nossas festas *reahu*... Por isso, acho que nosso interior é igual ao da caça...” (2015, p.473).

O que os brancos chamam de natureza é a terra-floresta dos Yanomami, sua imagem, que é visível aos *xamãs*, é o espírito da floresta e a ecologia são os seres humanos, todos os seres vivos e os espíritos. A grande floresta é, para os Yanomami, o que os brancos chamam de mundo-inteiro. Meio ambiente é para eles igual a floresta, a ecologia inteira é o planeta terra.

Para Davi Kopenawa, as palavras (oralidade) têm grande importância, pois é através delas que o conhecimento sobrevive.

7.2 A morte dos xamãs

“Enquanto os xamãs ainda estiverem vivos, eles poderão evitar a queda do céu, mesmo que ele fique muito doente” Davi Kopenawa, *Ação pela Cidadania* (1990, p.13)

Quando um xamã morre, para afastar dele os *seus xapiri*, que se recusam a ir embora, sua casa é abandonada e queimada com as cinzas de seus ossos. É construída outra casa para que as pessoas vivam em segurança. Se morrerem todos os xamãs, não haverá ninguém para impedir o céu de desabar, sem xamãs a floresta é frágil, não consegue ficar de pé sozinha. Mas os brancos continuam escavando a terra em busca de minérios, abalando suas estruturas. Os *xapiri* vão tirar também o sol, a lua e as estrelas, o céu vai quebrar de novo e vai cair.

Nas palavras de Kopenawa, os brancos se acham inteligentes e poderosos, com suas peles de imagens (livros), suas máquinas e suas mercadorias, mas as coisas maléficas que tiram da terra não vão deixá-los ricos por muito tempo. A floresta é inteligente e vai se defender. Pode ser que então, depois de muito tempo, outras gentes venham à existência em

seu lugar, mas serão outros habitantes da floresta e outros brancos. Só existe um céu e é preciso cuidar dele.

7.3 Palavras de *Omama*

“Por que continuo a lutar? Porque estou vivo!”

Davi Kopenawa, depoimento à American Anthropological Association,

(Turner & Kopenawa, 1991,p.63)

Quando Kopenawa ficou adulto e se tornou xamã, entendeu que as palavras de *Omama* vieram do primeiro tempo e que os habitantes da floresta as estudam virando espíritos e elas só são entendidas por quem nasceu na floresta. É assim desde o tempo de seus ancestrais, quando começaram a imitar o filho de *Omama*, o primeiro xamã. E durante todo esse tempo, os *xapiri* os protegem e curam seus males. Hoje não restam muitos grandes xamãs na floresta, porque a fumaça do ouro a deixou quase desabitada.

Nas palavras de Davi Kopenawa, uma pessoa precisa se tornar experiente para entrar em contato com os espíritos (sabedoria) e entendê-los, para entender a alma humana e saber lidar com ela, curando assim, o corpo e o espírito e integrando-o à natureza. O contato com os brancos e sua civilização contaminaram a alma dos Yanomami e eles podem se tornar outros (deixar de ser indígenas). Ele diz “ Gosto acima de tudo de contemplar a beleza dos espíritos e aprender por meio de suas palavras... De tanto ir até os brancos, vou acabar ficando ignorante”. (2015, p.505)

A palavra ou oralidade para os Yanomami é de suma importância, sua história é ensinada, assim, de geração em geração, ela mantém vivas as tradições, os ensinamentos cotidianos, a vida das aldeias e a vida da natureza. A escrita no papel dos brancos é comparada ao pensamento dos indígenas, ele é como um livro que nunca acaba. Agora sua palavra se torna também escrita para que seja levada a mais lugares, mostrar às pessoas como funciona sua sociedade sua Fé e suas Leis. Os missionários tentaram fazer com que os xamãs parassem de usar *yãkoana* e receber os *xapiri*, denominando-os como pecado. Davi Kopenawa relata em seu livro que quase se rendeu, mas com muito esforço, conseguiu reagir e voltar à sua cultura.

Nós costumamos dividir e subdividir os fatos para tentar entendê-los, os Yanomami aglutinam realidade e sonho para explicar o cosmos.

8 PARA DESCOLONIZAR O CURRÍCULO

Para um curriculum descolonizado, é necessário que o conhecimento do outro, aqui, em especial, através da literatura, seja levado tanto ao colonizado quanto ao colonizador. Se no século XVI os escritos sobre o expandir e o consolidar da dominação moderna esclarecem aqueles fatos, hoje os povos originários do Brasil questionam esse caráter colonial e capitalista, a exploração da natureza e a desvalorização do ser social, tanto em sua oralidade quanto em seus escritos, reivindicando lugar de fala e troca de conhecimentos. Para uma introdução nesse assunto, é sugerido o site: A rica literatura indígena, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LAA5D2Q4XBO>.

A trajetória indígena, durante mais de 500 anos, descrita na história e na literatura, mostra três aspectos: o originário, da sobrevivência na floresta, com sua oralidade passada como a “tora” de geração em geração; o intermediário, no contato com os brancos e o entendimento de sua cultura, aprendendo seus costumes e maneira de viver; e a ida de muitos para a cidade, absorver seus conhecimentos, aprender suas profissões se apropriando da escrita a fim de, através dela, se dar a conhecer, mas nunca se desconectando de sua origem e do propósito de mostrar sua cultura. Esses indígenas, que escrevem e levam suas palavras para o mundo, são homens e mulheres professores, advogados, filósofos, xamãs ou simples pessoas que têm orgulho de sua cultura e querem descolonizar a si próprios e ser respeitados pelos outros.

Ao apresentar aqui a visão eurocêntrica do mundo, através da literatura, usando, entre outros *Os Lusíadas* de Camões que representam seu tempo, apresenta-se também a visão indígena de hoje e sempre, com Davi Kopenawa e seu livro *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, que pode, perfeitamente, se contrapor aos entendimentos daquele tempo e também de hoje sobre como é estar no mundo e conviver com a natureza e com o próximo.

A partir da vasta literatura indígena que hoje se apresenta, fica fácil encontrar material de trabalho para o currículo escolar, com a intenção de identificar comportamentos, a relação dos povos originários com a natureza, com o bem-estar dos seres que habitam o planeta, o respeito com esses seres e a influência que uns exercem sobre os outros. Nos textos indígenas, orais ou escritos, que circulam na sociedade, e muitas vezes nem se sabe que são indígenas, pois são apresentados como histórias de fadas, encontram-se histórias sobre as florestas, os rios, os animais, as entidades sagradas, danças, cantos, lendas, artes em geral, plantas curativas e comestíveis e palavras das suas diversas línguas que podem ser material de pesquisa em várias disciplinas escolares.

Para o trabalho na Educação Básica, especialmente na Língua Portuguesa, existe o site < <https://ftd.li/5wqmgm> > Mirim – Povos Indígenas – Brasil, onde há informações como textos, brincadeiras, artes, alimentação jogos, diversidade linguística para o professor encontrar seu material de trabalho, os primeiros contatos com a cultura e elaboração de pequenos textos pelos alunos. Podem ser trabalhados, também, os mapas dos territórios indígenas, o que significam suas pinturas e enfeites corporais e sua arte de desenhar e representar seu ambiente.

Avançando um pouco mais, pode-se ir acrescentando textos da literatura brasileira e comparando-os com os escritos indígenas, por exemplo, o subtítulo de A queda do céu – De uma guerra a outra (p. 439) com O Uruguai de Basílio da Gama, escrito em Portugal.

Durante minhas viagens às distantes terras dos brancos, ouvi alguns deles declararem que nós, Yanomami, gostamos de guerra e passamos nosso tempo flechando uns aos outros. Porém os que dizem essas coisas não conhecem nada de nós e suas palavras só podem ser equivocadas ou mentirosas. É verdade, sim, que nossos antigos guerreavam, como os antigos brancos faziam naqueles tempos. Mas os deles eram muito mais perigosos e ferozes do que os nossos. Nós nunca nos matamos sem medida, como eles fizeram. Não temos bombas que queimam todas as casas e seus moradores juntos!...

No Barroco, a culpa e o pecado dos poemas de Gregório de Matos podem ser comparados com a liberdade espiritual dos indígenas, como no subtítulo A missão (p. 278) de A queda do céu.

... *Omama* sempre demonstrou amizade por nós, não importa o que façamos. Ele nunca pretendeu lavar o peito de ninguém! Sua imagem não fica nos dizendo sem parar: “Vocês são maus! Se recusarem minhas palavras, farei com que sejam queimados vivos ou carregados pelas águas! Farei tremer a terra da floresta sob seus pés!”. Ele apenas nos diz: “vocês são como eram seus antigos!. Continuem seguindo os rastros deles! Um dia, vocês morrerão; por isso, enquanto estão vivos, não devem temer nada!”. Assim é. Ignoramos aquilo que a gente de *Teosi*, para nos assustar, chama a todo instante de pecado. Não somos ruins; só não somos brancos! Somos como nossos antepassados sempre foram antes de nós.

Também assistir ao filme Ex-pajé que é um documentário brasileiro que narra a história de um líder indígena que, após décadas servindo como pajé de seu território, decide

abandonar suas crenças e se converter ao cristianismo. Dirigido por Luiz Bolognesi, o filme aborda questões complexas, como a relação entre tradição e modernidade, o impacto da colonização e o conflito entre diferentes cosmovisões.

O Arcadismo brasileiro e a inconfidência Mineira podem ser estudados e comparados com o subtítulo Os comedores de terra, os garimpeiros e o pai do ouro de *A queda do céu* (p.335)

... Foi quando os garimpeiros chegaram até nós que realmente entendi de que eram capazes os *napê!* Multidões desses forasteiros bravos surgiram de repente, de todos os lados, e cercaram em pouco tempo todas as nossas casas. Buscavam com frenesi uma coisa maléfica da qual jamais tínhamos ouvido falar e cujo nome repetiam sem parar: *oru* – ouro. Começaram a revirar a terra como um bando de queixadas. Sujaram os rios com lamas amareladas e os enfumaçaram com a epidemia *xawara* de seus maquinários...

No Romantismo, comparar o indígena idealizado com o indígena real que conhecemos hoje. O livro *Canumã: a travessia de Ytanajé* Coelho Cardoso é um romance que tem como núcleo o momento delicado em que vive seu povo. A narrativa enfatiza o papel dos anciãos, a ameaça do desaparecimento da Língua Munduruku, com a morte dos velhos, e a vida na comunidade. Ytanajé traz para o leitor o conhecimento da cultura, o dia a dia, as relações de amor, de amizade e da infância. Os mundurucus habitam no rio Canumã, na região de Borba-AM. Assistir, também, ao filme *A Última Floresta* de Luiz Bolognesi que acompanha a rotina dos Yanomami, povo indígena que vive isolado na floresta amazônica e relata a relação dos indígenas com a natureza e o enfrentamento desses povos contra a invasão de suas terras.

No Realismo, o caráter das relações sociais analisados por Machado de Assis e as relações sociais dos Yanomami em suas festas de *hearu* (p. 378), no subtítulo *Falar aos brancos* de *A queda do céu*, quando resolvem seus problemas conversando frente a frente.

Foi *Titiri*, o espírito da noite, que no primeiro tempo ensinou o uso do *wayamuu* e do *yãimuu* (diálogos cerimoniais). Fez isso para que pudéssemos fazer entender uns aos outros nossos pensamentos, evitando assim que brigássemos sem medida... Então, *Tiriri* disse a nossos ancestrais: “Que essa fala da noite fique no fundo de seu pensamento! Graças a ela, vocês serão realmente ouvidos por aqueles que vierem visita-los”. É por isso que

continuamos a discursar desse modo em nossas festas de *hearú*, do anoitecer até o amanhecer, primeiro fazendo o *wayamuu* e depois o *yãimuu*. Assim, as palavras desses diálogos não param de crescer até hoje. *Titiri* as fez se multiplicarem, para que pudéssemos conversar entre as casas, e pensar direito. São o âmago de nossa fala.

No Modernismo, poderiam ser comparados *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade e *A queda do céu, palavras de um xamã Yanomami*, testemunho autobiográfico de um porta-voz de seu povo.

No Pós-Modernismo, há um conto de Guimarães Rosa, *Meu Tio, o Iauaretê*, onde as línguas Krenak, Maxacali, Terena, Guaiapó, Xavante conversam dentro do texto. É a história de um menino indígena que é sequestrado pelos bandeirantes paulistas em Goiás e vendido para uma fazenda. Ele tem a função de matar onças, “desonçar” o território. Segundo Ailton Krenak, quem fala esse tanto de línguas são as onças, ele diz também que o livro é genial e pode ser comparado a James Joyce, só que brasileiro.

Atualmente, tem-se as escrituragens, que representam nosso tempo, lugar de fala e legado para transformação social, descolonização das minorias que se coloram como diversidade cultural e promoção de consensos. Como exemplos temos Davi Kopenawa, Conceição Evaristo, Ailton Krenak e todos os outros que contribuem para que o mundo se torne melhor.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades de todos os tempos e lugares produziram literatura oral ou escrita, deixando um legado valioso para os povos que vieram a seguir. Intencionalmente ou não, seus textos foram moldando o mundo, pois eles permitem entender realidades, maneiras de pensar e comportamentos dos seres humanos. Nos textos literários, que são também história de um tempo, pode-se entender o que leva as pessoas a agir de determinada maneira, a razão da trajetória escolhida por elas, ensinando o respeito por aqueles que, sendo da mesma natureza humana, se guiam por caminhos diversos. No caso da leitura de *A queda do céu*, há a possibilidade de um novo olhar para acontecimentos como os de 1500 no Brasil, quando o colonialismo europeu avançou sobre sociedades que se guiavam por sua literatura oral, ciência, suas artes e seus conhecimentos mágicos, que viveram num mesmo tempo, mas com

posicionamentos diferentes de como é estar no mundo. Santiago Nunes é citado por Antônio Cândido por suas palavras sobre literatura no Brasil:

... o Brasil tem literatura própria desde a Colônia, pois sendo a literatura expressão do espírito de um povo, e dependendo este das condições físicas e sociais, é impossível que um país tão caracterizado geograficamente não determine uma orientação definida nas manifestações intelectuais.

(NUNES, apud CANDIDO, 2003, p. 664)

Também, no prefácio do mesmo livro, *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos* (2003), Cândido faz a seguinte observação sobre literatura: “... Mas há várias maneiras de encarar e de estudar. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela dependa da existência do triângulo “autor-obra-público, em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição...” (CANDIDO, 2003, p. 19). O livro de Cândido em questão se refere ao Arcadismo e ao Romantismo brasileiros, mas suas considerações cabem em todos os períodos literários quando diz “Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional”. A literatura segundo ele, além língua, temas e imagens, são três fatores: A existência de um conjunto de produções literárias mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos que liga uns aos outros.

Se no século XVI, nada se sabia sobre os indígenas brasileiros, muito menos se tinham literatura, hoje eles se apresentam para mostrar sua história e suas obras literárias escritas, a literatura dos povos originários do Brasil. Houve povos que não se orientaram pela Ciência europeia, mas pelo conhecimento próprio, espiritual e mágico. O livro *A queda do céu* de Davi Kopenawa, mostra que existem várias maneiras de evolução da humanidade, a literatura dos indígenas registra um conhecimento devido às circunstâncias locais, sem nenhuma influência da europeia, mas através dos conhecimentos da natureza, do clima dos trópicos e pela maneira de viver dos povos da floresta. Joaquim Norberto fala sobre os indígenas:

As lendas e cantos dos indígenas brasileiros, sobretudo dos tupis, mais inspirados para fazê-lo, são a literatura do século XVI do Brasil, principalmente nas lendas cosmogônicas, junto com os autos sacramentais, poesias e discursos em língua geral que os jesuítas produziam. (NORBERTO, apud CANDIDO, 2003, p. 668)

E, o mesmo Norberto citando Humboldt diz:

O ilustre sábio [...] que averiguou com a profundidade dos seus conhecimentos sobre a imaginação do homem, bem deixa ver suas eruditas pesquisas sobre o sentimento a natureza, segundo a diferença das raças e dos tempos, toda a importância dos países americanos quando vieram pelo seu descobrimento a concorrer com o contingente de imagens. (“Da inspiração”, RP, tomo XVI, p. 263)

Também Padre Fernão Cardim, em a “Originalidade da literatura brasileira”, fala da tendência dos selvagens para a poesia (CANDIDO, p. 664). Carregar a “Tora”, nas palavras de Ailton Krenak, é passar a herança cultural (oral ou escrita) de uma geração a outra para que ela continue e acrescente conhecimentos novos a essa geração, é a ecologia dos saberes enquanto curriculum descolonizado.

Por causa da colonização, os conhecimentos dos europeus se apresentaram à colônia desconsiderando a vida dos povos originários aqui encontrados; mas, agora, com a escrita da história desses povos, toma-se entendimento de outra cultura, aquela que já existia aqui. O conhecimento mágico dos indígenas brasileiros e o conhecimentos científico da época dos colonizadores europeus seguiam seus caminhos diferentes, mas há pontos que podem ser discutidos hoje, quando se entra em contato com a literatura indígena que revela, entre outras muitas coisas, como é sua Fé, Suas Leis, seu Rei e sua Organização Social.

Sobre como começar a ensinar literatura indígena no ensino básico, uma experiência válida é apresentar as histórias e conhecimentos indígenas aos alunos, para que eles as leiam e interpretem, como se lê e interpreta outras histórias e escrevam textos sobre elas; já que hoje, tem-se toda essa riqueza de informação e entendimento sobre o assunto, um caminho sem volta.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 35ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMÕES, L. **Os Lusíadas**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. I. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

GÂNDAVO, P. M. **Tratado da Terra do Brasil: História da Província de Santa Cruz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Fonte: Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Acesso em: 19 de maio de 2023.

GONZAGA, A. A. **Decolonialismo Indígena**. 2ª ed. São Paulo: Matrioska, 2022.

HAUBERT, M. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1990.

HOLANDA, S. B. **Visão do Paraíso**. 4ª ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010.

KOPENAWA, D. ALBERT, B. **A Queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARTINEZ, J.C. **O sonho como modo de fazer política e como estado de criação**. Cult, São Paulo, ano 26, n. 292, p. 6-12, abril, 2023.

NÓBREGA, M. **Dialago sobre a Conversão do Gentio**. São Paulo: MetaLibre, 2006. Disponível em: <https://www.ibiblio.org>libre>NobregaM-> Conv.19p. Acesso em 19 de fev. de 2023.

PEREIRA, P. R. **Carta de Caminha: A notícia do achamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

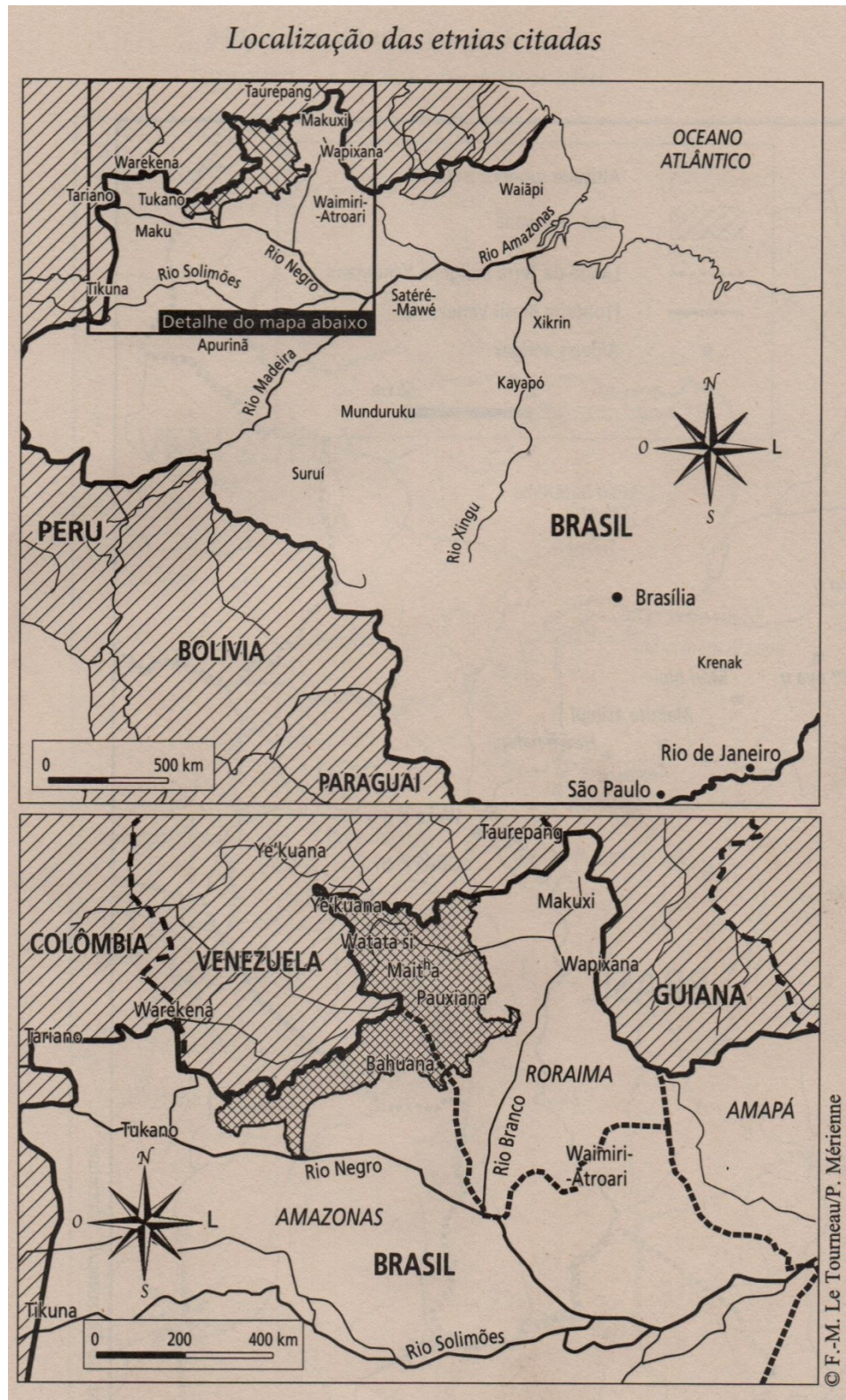
ANEXOS:

Figura 1



Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 5



Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 6



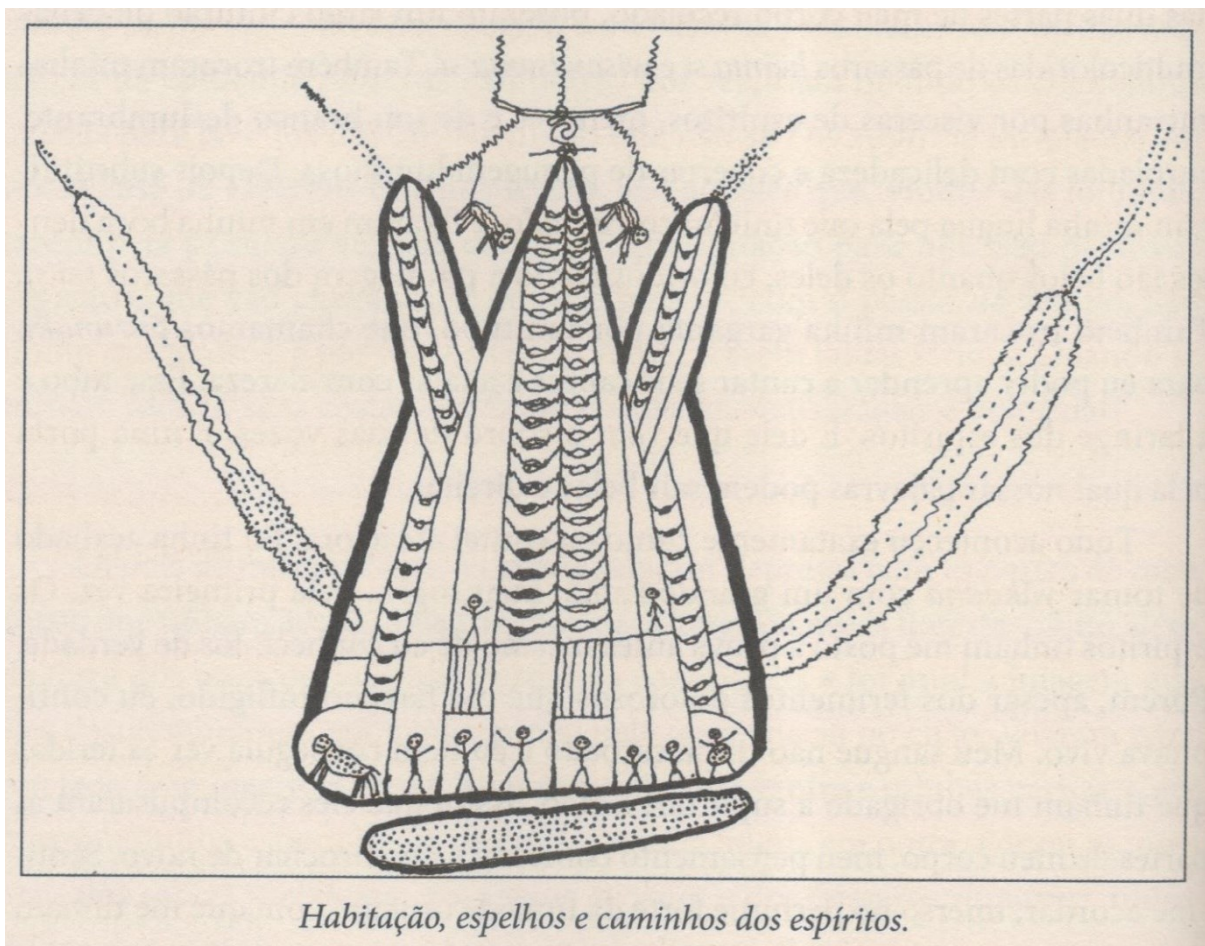
Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 7



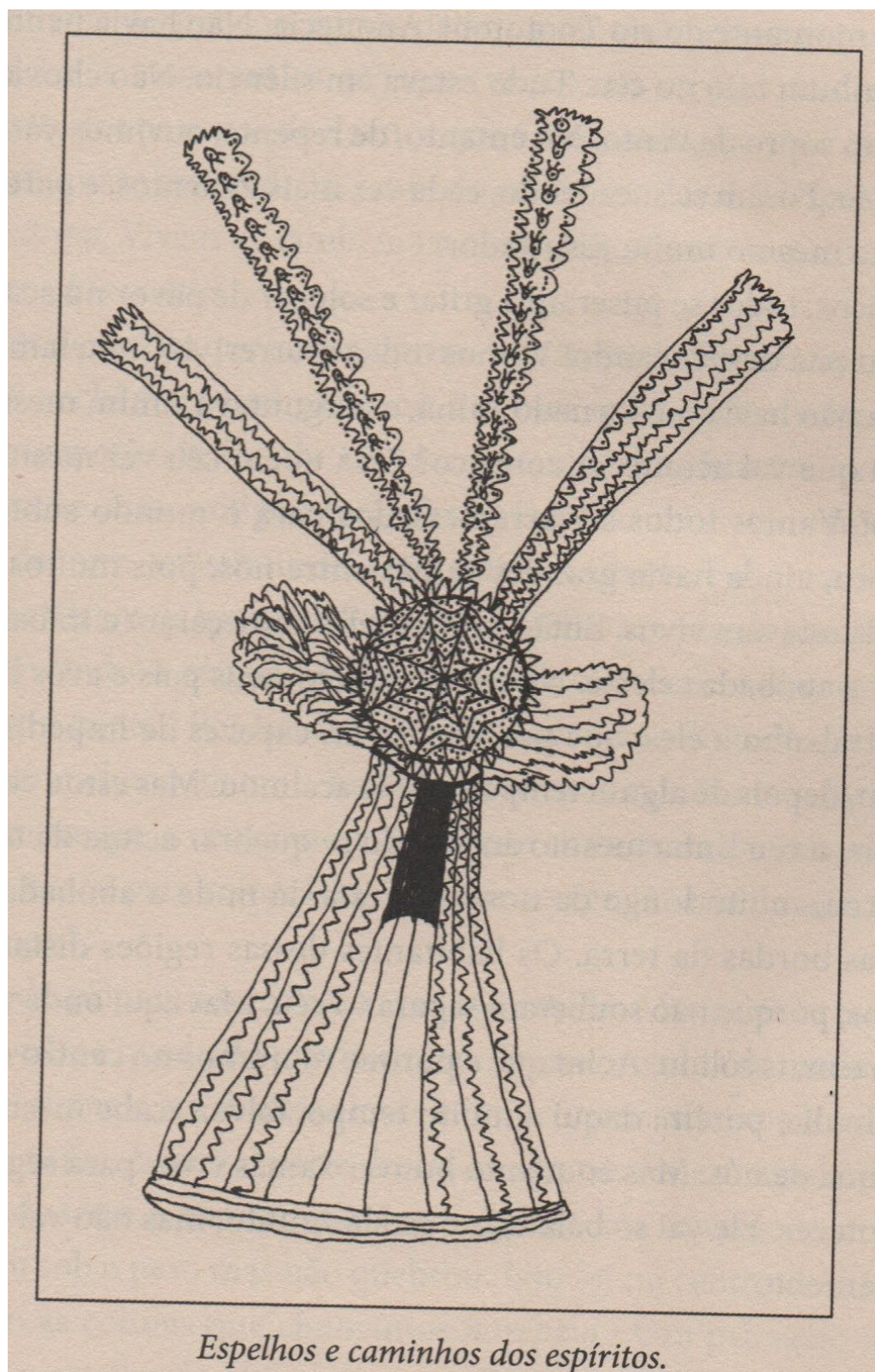
Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 8



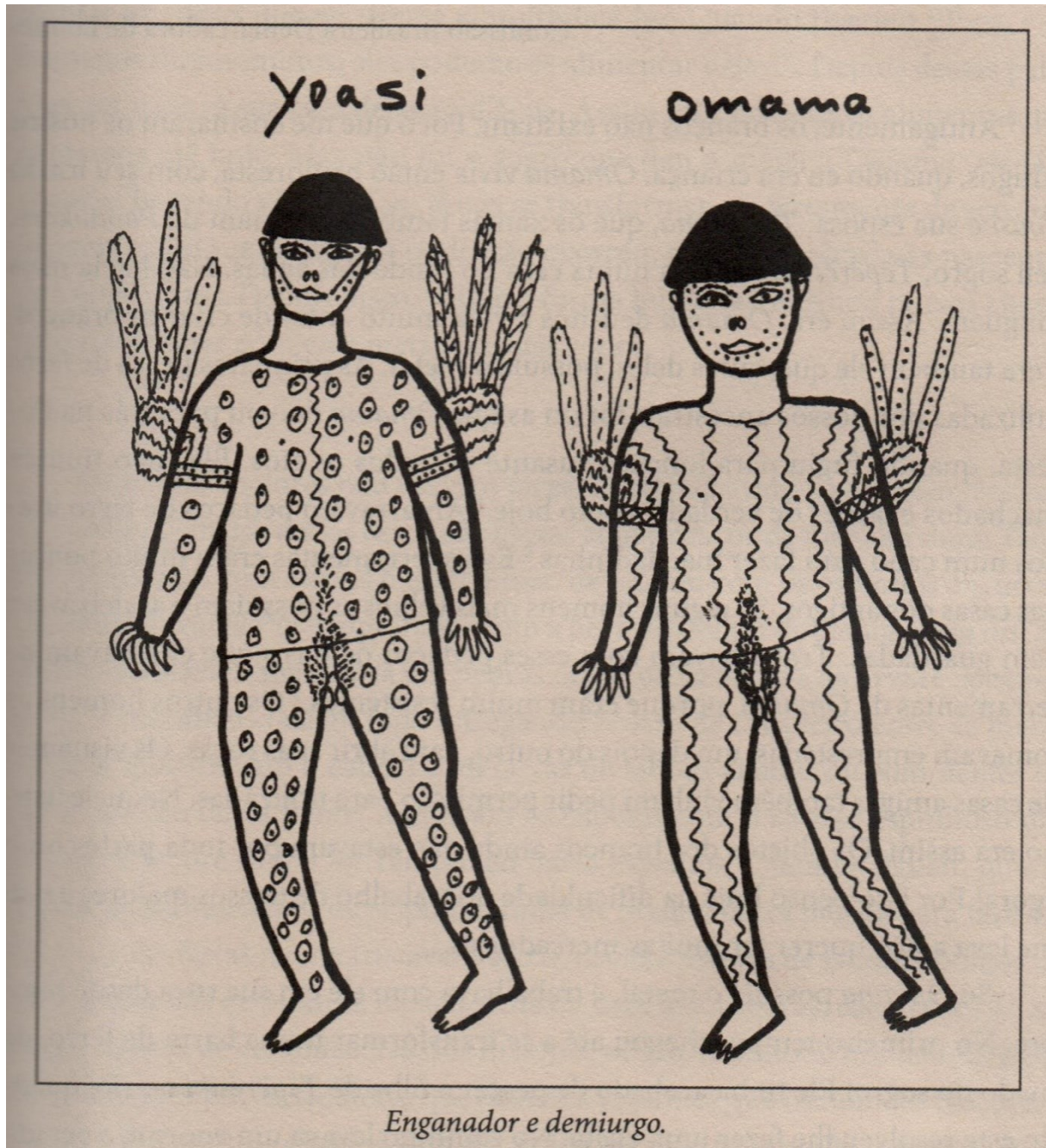
Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 9



Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 10



Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 11



Davi Kopenawa em visita aos sítios megalíticos de Avebury e Stonehenge, no Reino Unido, em 1989 e 1991 (foto de F. Watson-Survival International).



Davi Kopenawa diante do Parlamento britânico (foto de Survival International, 1989).

Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 12



Davi Kopenawa em Paris, em 1990
(arquivo D. Kopenawa).



Davi Kopenawa no Museu do
Homem, no Trocadéro, em
Paris (foto de J.-P. Razon, 1990).

Fonte: A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami

Figura 13



Davi Kopenawa no alto do Empire State Building, em Nova York
(foto de F. Watson-Survival International, 1991).



Davi Kopenawa sendo recebido pelo secretário-geral das Nações Unidas,
Javier Pérez de Cuéllar, em Nova York (foto de J. Daher, 1991).

Fonte: a queda do céu – Palavras de um xamã yanomami